

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA
CENTRO DE ARTES E LETRAS
CURSO DE LETRAS**

Karen Machado Figueiredo da Rosa

O SUJEITO MULHER NO DISCURSO BÍBLICO-RELIGIOSO

Santa Maria, RS
2023

Karen Machado Figueiredo da Rosa

O SUJEITO MULHER NO DISCURSO BÍBLICO-RELIGIOSO

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Letras Português Licenciatura, da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM, RS), como requisito parcial para obtenção do título de Licenciada em Letras Português.

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Verli Fátima Petri da Silveira

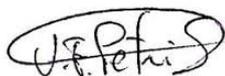
Santa Maria, RS
2023

Karen Machado Figueiredo da Rosa

O SUJEITO MULHER NO DISCURSO BÍBLICO-RELIGIOSO

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Letras Português Licenciatura, da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM, RS), como requisito parcial para obtenção do título de **Licenciada em Letras Português**.

Aprovado em 15 de dezembro de 2023.



Verli Fátima Petri da Silveira, Prof^ª. Dr^ª. (UFSM)
(Orientadora)



Maria Cleci Venturini, Prof^ª. Dr^ª. (Unicentro)
(Membro da banca)

Santa Maria, RS
2023

RESUMO

O SUJEITO MULHER NO DISCURSO BÍBLICO-RELIGIOSO

AUTORA: Karen Machado Figueiredo da Rosa

ORIENTADORA: Verli Fátima Petri da Silveira

A presente pesquisa parte dos princípios teórico-metodológicos da Análise de Discurso de linha francesa para propor uma investigação acerca dos sentidos sobre a mulher. Tomando como objeto de estudo a narrativa bíblica, foram realizados dois recortes os quais constituem nosso corpus e nos ajudam a compreender as tomadas de posição-sujeito de duas mulheres presentes na Bíblia: Ester e Madalena. Levamos em consideração as condições de produção e as particularidades de uma narrativa que é bíblica e religiosa, para refletir sobre sentidos acerca da mulher no passado, na religião e os sentidos que estão em circulação sobre esse sujeito. Mobilizaremos as noções de discurso *de* e discurso *sobre* (Venturini, 2009), como constituintes do interdiscurso, para propor um gesto de interpretação. O estudo tem o objetivo de colaborar com as discussões mais recentes sobre o tema, além de refletir acerca das relações desse discurso com a memória, que também diz respeito ao discurso bíblico-religioso como parte constituinte da formação discursiva de uma sociedade que reserva à mulher posições sociais secundárias e promove, com frequência, o silenciamento das vozes femininas.

Palavras-chave: Discurso bíblico. Memória discursiva. Sujeito mulher.

ABSTRACT**THE SUBJECT WOMEN IN BIBLICAL-RELIGIOUS DISCOURSE**

AUTHOR: Karen Machado Figueiredo da Rosa

ADVISOR: Verli Fátima Petri da Silveira

This research uses the theoretical and methodological principles of French Discourse Analysis to propose an investigation into the meanings of women. Taking the biblical narrative as our object of study, we made two clippings which constitute our corpus and help us to understand the subject-positions of two women in the Bible. We took into account the conditions of production and the particularities of a narrative that is both biblical and religious, in order to reflect on meanings that encompass women in the past, in religion and the meanings that are circulating about this subject. We will mobilize the notions of discourse of and discourse about (Venturini, 2009), as constituents of interdiscourse, to propose a gesture of interpretation. The study aims to collaborate with the most recent discussions on the subject, as well as reflecting on the relationship between this discourse and memory, which also concerns biblical-religious discourse as a constituent part of the discursive formation of a society that reserves secondary social positions for women and often promotes the silencing of women's voices.

Keywords: Biblical discourse. Discursive memory. Subject women.

SUMÁRIO

1. CONSIDERAÇÕES INICIAIS.....	7
2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA.....	8
2.1 UM BREVE PANORAMA SOBRE A ANÁLISE DE DISCURSO.....	8
2.2 APONTAMENTOS SOBRE O INTERDISCURSO E OS DISCURSOS SOBRE A MULHER.....	9
2.3 APONTAMENTOS SOBRE O OBJETO DE ESTUDO.....	11
3. UM GESTO INTERPRETATIVO A PARTIR DO CORPUS.....	13
3.1 ESTER.....	14
3.2 MARIA MADALENA.....	17
4. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	16
TEXTOS ESTUDADOS.....	19
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	21

1. CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Entendemos que sentidos são “aves”, elas migram; são “aves” ariscas, não se deixam aprisionar; são aves que cantam, seu canto ressoa de diferentes maneiras. E, como todas as canções, estas provocam diferentes reações nos sujeitos. (Petri, 2011, p. 25)

Com esta epígrafe damos início a este artigo. É sobre os sentidos que vamos falar aqui e sobre como os sentidos ressoam em diferentes espaços de enunciação. Para tanto, focamos em uma discussão muito contemporânea, a discussão sobre a mulher, pensando-a como sujeito constantemente atravessado por discursos, os quais constituem a memória discursiva de uma sociedade que promove, com frequência, o silenciamento das vozes femininas e reservam às mulheres um papel social secundário. Tendo isso como pressuposto e como memória buscamos aqui refletir sobre questões que há alguns anos nos inquietam, as quais dizem respeito a essa relação díspar entre homens e mulheres e sobre o esforço feminino para ocupar espaços sociais que normalmente estão atrelados à figura masculina. Em uma tentativa de colocar em suspenso alguns porquês, buscamos compreender como discursos em circulação possibilitam práticas sociais discriminatórias e funcionam como ferramentas nas mãos de quem enuncia, promovendo sentidos sobre a inferiorização feminina, seja no meio político, religioso ou até nas mídias sociais.

Sabemos que a religião é um dos espaços que mais reforçam o não-empoderamento feminino, principalmente as religiões que embasam sua fé em condutas fundamentadas no sujeito simbólico Jesus Cristo, aquelas que têm sua vertente no judaísmo. Neste artigo, nos propomos a realizar uma demonstração analítica dessa memória que parece estar naturalizada, tomando como dispositivo princípios teóricos e metodológicos da Análise de Discurso de linha francesa, teoria que viemos nos apropriando nos últimos meses. Esta demonstração parte de um gesto de interpretação sobre dois recortes de uma antologia que reverbera doutrinas das religiões que acreditam em Jesus Cristo: a Bíblia, considerada um dos livros mais difundidos no mundo.

O texto bíblico, considerado pelos cristãos como sagrado, é a base da conduta cristã, seja ela relacionada ao papel do homem e da mulher em sociedade, ou, relacionada a cultos e rituais, tais como festas religiosas, casamentos, etc. O discurso bíblico sobre a mulher tornou-se nosso objeto de estudo, não só para refletir sobre a narrativa que o constitui, mas também, sobre como a narrativa se reproduz em práticas sociais da nossa contemporaneidade, tendo em vista os efeitos de sentido de identificação e de pertencimento (Orlandi, 1993, p. 24) a partir do sujeito mulher na Bíblia, que reverbera até hoje.

A partir dessas considerações, dividimos nosso texto em duas partes, além das considerações iniciais e finais. Na parte que segue, falaremos um pouco sobre em que nos fundamentamos teoricamente para o desenvolvimento desta pesquisa, abordando questões sobre a Análise de Discurso e seus conceitos, sob os quais delineamos um gesto interpretativo a partir do *corpus*. Nesta segunda parte, também, traremos algumas observações que realizamos sobre nosso objeto de estudo. Em continuação, explicitaremos os recortes que constituem nosso *corpus* e duas demonstrações de análise, nas quais buscamos compreender as tomadas de posição de dois sujeitos mulheres presentes na narrativa bíblica, para então, instaurar um efeito de fechamento, apresentamos nossas considerações finais, sempre em construção.

2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

2.1 UM BREVE PANORAMA SOBRE A ANÁLISE DE DISCURSO

Nos fundamentamos na teoria francesa Análise de Discurso, fundada pelo filósofo Michel Pêcheux e seus interlocutores na França, tal como vem sendo desenvolvida no Brasil pela pesquisadora Eni Orlandi e seus interlocutores. A AD francesa define o discurso como “efeitos de sentido entre locutores” (Orlandi, 2001, p. 21). Essa teoria trabalha com as noções de sujeito e sentido e entende a palavra em movimento, como prática de linguagem (Orlandi, 2001, p. 15), já que os sentidos estão sempre sendo atualizados.

Para a Análise de Discurso:

Nem a linguagem, nem os sentidos nem os sujeitos são transparentes: eles têm sua materialidade e se constituem em processos em que a língua, a história e a ideologia concorrem conjuntamente. (Orlandi, 2001, p. 48)

Portanto, compreendemos a não transparência dos sentidos, atentando para a relação do sujeito com a língua. Precisamos, como analistas de discurso em formação, observar que sujeito é esse que diz e sob quais condições de produção diz, para assim compreender como o texto faz sentido por sujeitos e para sujeitos. Para Pêcheux (1997, p. 160) “as palavras, expressões, proposições, etc., mudam de sentido segundo as posições sustentadas por aqueles que as empregam”. Então, o sentido é determinado, não só pela materialidade discursiva, mas pelos efeitos de sentido, pelas relações ideológicas e pelas posições nas quais os sujeitos, interpelados pela ideologia e afetados pelo inconsciente, estão inscritos, além de que produzem e recebem os discursos em meio à produção desses sentidos.

Balizada pelos pilares da Linguística, do Marxismo e da Psicanálise, a teoria Pêcheuxtiana se constitui, questionando essas 3 regiões de conhecimento e conjugando a língua

e a história para a produção de sentidos. O analista de discurso trabalha com a forma material e não abstrata da língua, observando esses sentidos por um viés linguístico-histórico, já que os sujeitos, que produzem os discursos, são afetados, também, pela história (Orlandi, 2001, p. 19-20).

Sendo assim, se o sujeito não se submeter à língua e à história ele não se constitui, ele não fala, ele não produz sentidos, pois os sujeitos, que estão interpelados pela ideologia, sofrem os efeitos do simbólico. Isso possibilita a interpretação de discursos e de como os objetos simbólicos produzem sentidos sobre o sujeito-mulher no discurso bíblico-religioso, por meio de gestos de interpretação em torno da materialidade discursiva, do funcionamento de suas relações ideológicas e da identificação de uma ou mais formações discursivas (FDs), em que os sujeitos estão inscritos. As formações discursivas decorrem das formações ideológicas, além de que nos permitem compreender o processo de produção dos sentidos, dando-nos a possibilidade de estabelecer regularidades no funcionamento do discurso. (Orlandi, 2001, p. 43)

2.2 APONTAMENTOS SOBRE O INTERDISCURSO E OS DISCURSOS *SOBRE A MULHER*

Precisamos compreender que todo o dizer faz parte de uma memória que está, mesmo que inconscientemente, presente na produção de novos discursos, dizer o qual fica ressoando como “uma voz sem nome” (Courtine, 1999, p. 19). Os sujeitos constituem-se sobre o já-dito, pelo qual ressoam outros dizeres e os sujeitos do discurso se entendem como origem e “donos” daquilo que dizem. Trata-se do esquecimento no. 01, segundo Orlandi (2001), também chamado de esquecimento ideológico. Já o esquecimento no. 02, diz respeito à enunciação e o sujeito “esquece” que o mesmo dizer pode ser dito de modo diferente, constituindo redes parafrásticas, que se estruturam pela repetição e instaura, com frequência a polissemia.

Quando falamos em discurso *sobre* a mulher, estamos não só falando sobre dizeres formulados por mulheres, mas englobando outros discursos que de alguma forma fazem funcionar sentidos sobre a mulher, que é o caso do discurso bíblico. Essa memória, de que tratamos na Análise de Discurso refere-se ao social, inscrito em práticas e não no sujeito empírico. Não tratamos de vivências individuais, mas de memórias e de discursos que circularam antes em outros lugares, como pré construídos. Trata-se de fazer funcionar e trabalhar a partir da língua na história, possibilitando a compreensão de certos sentidos e não de outros (Orlandi, 2009, p.34).

Portanto, sempre há um já-dito que se marca por meio da materialidade do discurso. Um saber que ressoa no discurso a partir da inscrição do sujeito em diferentes formações discursivas, as quais significam e determinam o que o sujeito diz. Venturini mobilizou as noções de rememoração e comemoração, o discurso *de* e o discurso *sobre*, como noções que conjuntamente em discursos em circulação (2014, p. 126) e dizem respeito, respectivamente, a uma memória “que legitima e sustenta o dizer” (discurso *de*) e “a atualidade que se materializa como discurso *sobre* pelo caráter doutrinário que se constitui” (Venturini, 2009, p. 167).

O discurso *de* “sustenta e atualiza os sentidos, preenchendo furos, por meio de discursos que ressoam como o que todo mundo sabe, mas não se filia a um sujeito responsável por este saber ou dizer” (Venturini, 2014, p. 124), mas a sujeitos inscritos em práticas. O discurso *de* funciona como uma memória que é retomada pela repetição e sustenta o discurso *sobre* que “ocorre na dimensão linear do dizer, o intradiscurso, no qual ressoam discursos outros, que sustentam e ancoram o dizer, como seus fundadores” (Venturini, 2014, p. 126) e se referem ao funcionamento da memória em sua horizontalidade, onde os saberes e os dizeres estão associados. Ambas as noções sinalizam para o conceito aqui abordado, o interdiscurso, e reafirmam que não se pode separar a memória da atualidade, o que nos ajuda a compreender por que determinados sentidos sobre a mulher ressoam, e não outros, neste discurso que é bíblico e religioso.

Para prosseguir, tratamos de alguns saberes provenientes deste e de outros discursos, os quais nos ajuda a iniciar uma reflexão sobre a mulher. De acordo com a Teoria do Patriarcado, as mulheres são o sexo secundário apenas por serem, biologicamente, mulheres. Santos, Branco, Storto e Burgo (2016) afirmam que a cultura do patriarcado “impôs à mulher uma posição inferior ao homem diante da sociedade, de modo que se percebe uma ideologia machista, centrada no homem” (p. 610). Sendo assim, as mulheres que saem dessa posição são consideradas, conforme Laffey (1994 apud Santos et al., 2016, p. 609), exceções, as quais podem até surpreendê-los, mas a partir do momento em que a exceção se torna regra, “os homens se rebelam”.

Para Santos, Branco, Storto e Burgo (2016):

[...] a Bíblia contém um discurso professado por uma autoridade/divindade (Deus) que não pode ser questionada ou desmistificada, tornando o ouvinte um ser assujeitado que não pode interagir nesse discurso, deve somente ouvi-lo e tê-lo como verdade única. (p. 611)

Atentamos para a “voz” que ressoa pelos discursos bíblicos, a voz divina. Um divino que segue funcionando para a cultura cristã, independentemente de ter sido escrito por homens,

com a justificativa de que o livro tenha sido inspirado por esse Deus, com D maiúsculo. Nas religiões cristãs, que tomam a Bíblia como livro sagrado, perceberemos questões que contornam como deve ser o comportamento da mulher com base nos ideais de obediência à Deus e ao homem (marido), o “cabeça da esposa”, comparado nesta narrativa com Jesus Cristo (Efésios 5;23), o que confere aos homens poder sobre as mulheres. Sendo assim, o discurso bíblico-religioso delinea a mulher como aquela que serve ao marido, em uma relação heteronormativa, cuida da casa e dos filhos, enquanto o homem trabalha para o sustento da família. Este discurso garante ao homem um lugar social de superioridade, no qual exerce livremente a função autoritária de poder. Além de que, as ditas “verdades” que constituem este livro, tornaram-se para muitos inquestionáveis, já que Deus seria inquestionável. Portanto, este discurso “congela tanto o locutor quanto o ouvinte no lugar que lhe é de direito e dever” (Orlandi, 1987, p. 239).

Destacamos, ainda, que de acordo com o dicionário hebraico, a palavra marido condiz com “baal”, que significa “dono”, o que diz respeito à uma cultura que estabelece princípios patriarcais. Como diz Kochmann (2005, p. 38) sobre as mulheres na cultura judaica: “elas são donas de casa e eles são donos delas”, em uma relação de superioridade masculina e subordinação feminina, as mulheres bíblicas são contornadas, e o sujeito mulher é constituído a partir de determinações, as quais estão instauradas em uma memória discursiva que contempla formações discursivas de submissão.

Contudo, para concluirmos esta seção, em um caminho traçado por reflexões, salientamos que, por meio da AD, é possível desconstruir o discurso e compreender como se dá na (re)produção de uma posição do sujeito sobre outra num dado domínio social. Ou seja, quando reforçamos um saber *sobre a* mulher e mobilizamos o discurso bíblico para construir evidências. Desse modo, reproduzimos, e ao reproduzir, permanecemos no lugar de origem, conformados com uma sociedade na qual a mulher ocupa um lugar secundário, garantido por meio da manutenção de discursos patriarcais em vigência.

2.3 APONTAMENTOS SOBRE O OBJETO DE ESTUDO

Para compreendermos um pouco sobre o funcionamento deste discurso, destacamos aqui algumas questões que consideramos importantes. Sabemos que o texto bíblico vem de uma tradição religiosa, a qual foi transmitida inicialmente via oralidade. Os primeiros manuscritos e papiros com o passar dos anos tomaram forma de livro, o que era a Torá, Bíblia Hebraica constituída pelo Antigo Testamento, evoluiu para a Bíblia Cristã, constituída pelo Antigo e pelo

Novo Testamento e vinculada às instituições católicas, protestantes, etc. Em um panorama geral, o Antigo Testamento aborda uma teoria sobre a criação do mundo (o Criacionismo), o desenvolvimento da cultura hebraica, as leis e as festas judaicas, etc., diferentemente do Novo Testamento, em que aparece a figura de Jesus Cristo, como filho de Deus, bem como seus feitos e milagres. Ainda sobre isso, destacamos a presença da mulher desde a suposta criação do mundo pelas mãos de Deus, a qual esteve presente por meio da personagem Eva, criada para acompanhar Adão (o primeiro homem). Com o sequenciamento dos livros e o desencadeamento da narrativa bíblica, vão aparecendo mulheres que podem estar ou não ligadas à figura de Cristo, mas que, a partir da sua história, podemos tirar reflexões importantes, por meio da observação de um discurso *sobre* a mulher em uma cultura que valorizava a figura masculina.

Os discursos fundadores “criam uma tradição de sentidos” (Orlandi, 1993, p. 13), sentidos os quais estão instaurados na memória discursiva e constituem efeitos de verdade para um ou mais grupos sociais. Desse modo, a língua produz sentidos por e para os sujeitos e a ideologia e a história se manifestam na linguagem (Orlandi, 2001, p. 16). A história, que se manifesta na e pela linguagem, funciona como “constitutiva do sujeito e do sentido” (Petri, 2017, p. 8) e a noção de historicidade possibilita que a exterioridade da língua, também signifique no discurso, pela sua materialidade. Além disso, não há discurso sem sujeito, assim como não há sujeito sem ideologia e esta ideologia “interpela os indivíduos em sujeitos”. (Orlandi, 2001, p. 48)

Como comentamos, os mandamentos cristãos começaram a ser transmitidos oralmente, o que fez com que os conhecimentos sobre a religião e espiritualidade fossem passados de geração a geração. Tendo como precursora a Torá, livro sagrado para os judeus, a Bíblia foi sendo traduzida por gregos, alemães, ingleses, etc. e adaptada às religiões conforme seus interesses. Percebemos então o funcionamento da história e da ideologia nesse movimento de tradução e adequação à linguagem, pois os autores esforçaram-se para tornar esse livro menos “enigmático”. Alguns tradutores ainda, em uma tentativa de controlar os sentidos, esforçaram-se para “corrigir” escolhas que poderiam causar estranhamento, reforçar comportamentos patriarcais ou desrespeitosos aos sujeitos leitores.

Para realizarmos nossas análises, fizemos uso de duas versões da Bíblia. A primeira foi a Bíblia católica edição pastoral catequética (1999), uma versão francesa de tradução dos originais hebraico, aramaico e grego, mediante a versão dos Monges de Maredsus, religiosos beneditos da Bélgica, realizada pelo Centro Bíblico Católico. Esta é 125ª edição, a qual foi revista pelo Frei João José Pedreira de Castro, considerado pelos católicos um “Doutor do

Evangelho”. E a segunda versão utilizada para a análise, foi a King James Bible (1611), uma tradução inglesa, publicada pela Editora BV books, em 2015. A versão é considerada pertencente ao rei James I, da Inglaterra, a qual foi elaborada por um conjunto de eruditos que se propuseram a traduzir da maneira mais “exata” ou fiel às versões canônicas, possível. A tradução para a língua portuguesa envolveu mais de 20 profissionais em 7 anos de trabalho.

As duas versões da Bíblia que utilizamos para realizar os recortes, estão vinculadas ao Cristianismo e ao Catolicismo (como uma ramificação do Cristianismo), mesmo assim, constatamos que não existem tantos distanciamentos entre elas, exceto pela presença, na Bíblia católica, dos livros deuterocanônicos e de sua função que é catequética, diferentemente da King James, que é uma versão normalmente vinculadas às instituições de matriz pentecostal para o estudo bíblico conforme suas doutrinas.

3. UM GESTO INTERPRETATIVO A PARTIR DO CORPUS

Para lançar um gesto interpretativo a partir do *corpus*, recortamos algumas sequências que compõem a narrativa bíblica. Os recortes estão numerados abaixo, os quais se constituem por meio do nome do livro, capítulos e versículos em que se encontram, conforme a designação da Bíblia. Após os recortes, buscamos compreender o funcionamento deste discurso e as posições nas quais os sujeitos estão inscritos com as subseções *A história de Ester e Maria Madalena, amiga de Jesus*, respectivamente. Para a primeira, focalizamos a leitura e interpretação dos recortes 1, 2, 3 e 4, os quais se encontram no livro de Ester na Bíblia Pastoral-Catequética e, para a segunda, focalizamos a leitura e interpretação dos recortes 5, 6, 7 e 8, os quais se encontram espalhados pelos livros denominados Evangelhos: Mateus, Marcos, Lucas e João, para isso utilizamos como objeto de pesquisa a Bíblia King James.

Seguem os recortes abaixo:

1. “Era o tutor de Edissa, isto é, Ester, filha de seu tio, órfã de pai e mãe. A moça era de belo porte e agradável de aspecto; na morte de seus pais, Mardoqueu a tinha adotado como filha.” (Ester, 2:7)
2. “Chegou a vez de Ester entrar junto ao rei. A filha de Abigail, não pediu nada além do que lhe foi dado por Hegai, eunuco do rei, encarregado das mulheres. Mas ela ganhava as boas graças de todos os que a viam.” (Ester 2:15)
3. “Ela respondeu: se achei graça a teus olhos, ó rei, e se ao rei lhe parecer bem, concede-me a vida, eis o meu pedido; salva meu povo, eis o meu pedido; salva meu povo; eis o meu desejo.” (Ester 7:03)

4. “O rei estendeu o cetro de ouro a Ester, a qual se pôs em pé diante dele.” (versão catequética, Ester 8:04)
5. “E aconteceu que, depois disto, ele foi em todas cidades e aldeias, pregando e anunciando as boas novas do reino de Deus; e os doze estavam com ele, e certas mulheres, que haviam sido curadas de espíritos malignos e de enfermidades: Maria, chamada Madalena, da qual saíram sete demônios, [...]” (Lucas 8;1-2)
6. “E, junto à cruz de Jesus, estavam em pé sua mãe, e a irmã de sua mãe, Maria, mãe de Cléofas, e Maria Madalena.”. (João 19; 25)
7. “E, no primeiro dia da semana, Maria Madalena foi ao sepulcro cedo, sendo ainda escuro, e viu que a pedra foi retirada do sepulcro [...] Mas Maria ficou parada e chorando do lado de fora da sepultura, e, enquanto ela chorava, curvou-se, e olhou dentro do sepulcro, e viu dois anjos de branco, assentados onde jazera o corpo de Jesus, um à cabeceira e outro aos pés” (João 20; 1, 11-12)
8. “Agora, quando Jesus foi ressuscitado cedo, no primeiro dia da semana, ele apareceu primeiramente a Maria Madalena, da qual tinha expulsado sete demônios. E ela foi e contou-o aos que tinham estado com ele, os quais estavam tristes e chorando. E eles, ouvindo que ele vivia, e que tinha sido visto por ela, não acreditaram.” (Marcos 16; 9-11)

3.1 ESTER

A história de Edissa ou Hadassa encontra-se no livro denominado Ester, de onde foram retiradas as sequências que constituem os recortes 1 ao 4. Para compreendermos melhor sobre o contexto desta narrativa, é preciso saber que o povo hebreu, do qual Ester adveio foi escravizado por anos e durante o momento em questão, estariam exilados na Pérsia como de servos. Neste contexto de escravidão, aparece uma personagem mulher, a qual teria sido importante para o câmbio da situação dos hebreus. Órfã de pai e mãe, comunicativa, alegre, otimista e extrovertida, essas são as características a ela vinculadas. Possuía, também, um temperamento impetuoso, considerada para os cristãos uma mulher acima do seu tempo. Descrita pelos autores da edição Pastoral-Catequética no capítulo 2 do livro de Ester como: “escolhida para ser rainha” (p. 544). Nascida em 598 a. C., filha de Abihail e Sinei e neta de Quis, de linhagem hebraica. O nome judaico dela era Edissa ou Hadassa, que significa, em hebraico, “flor de murta”, uma planta da região mediterrânea, conhecida por sua beleza e para os gregos, considerada um símbolo de amor. Ela recebeu o nome persa (Ester), que significa “estrela da manhã”, quando foi convocada entre as jovens virgens mais bonitas para comparecer diante do rei Assuero.

No primeiro recorte, observamos o reconhecimento de Ester a partir da tutoria de Mardoqueu. A narrativa inicia falando sobre o homem e não sobre Ester (primazia do homem), é por meio do ato de adotar realizado pelo homem, que a personagem feminina surge: “Era o tutor de Edissa, isto é, Ester, filha de seu tio, órfã de pai e mãe [...]”. Este homem, Mardoqueu, foi quem a conduziu, desde a morte dos pais, e quem a levou diante do rei. Como é caracterizada, ainda no primeiro recorte, “A moça era de belo porte e agradável de aspecto”; a beleza é uma das características mais reforçadas no discurso sobre Ester e importante para o desenrolar da história, pois se ela não fosse “agradável de aspecto”, possivelmente não agradaria ao homem, ao rei. Sua beleza conquistou o rei persa que a substituiu pela rainha Vasti, dando a entender que a antiga rainha possuía uma beleza inferior à beleza de Ester, reiterando um discurso que exclui, diminui e compara as mulheres entre si. Esse primeiro recorte evidencia que a situação inicial da personagem é um tanto quanto sofredora, um recurso recorrente nas narrativas bíblicas, pois normalmente aqueles que se tornam reis ou líderes, suportaram o processo de uma vida difícil para serem recompensados no fim de sua trajetória, um discurso proveniente da Bíblia que norteia doutrinas religiosas na atualidade, há uma memória (discurso *de*) funcionando aí, que ocupa o espaço de noções já significadas na Bíblia, as quais sustentam os discursos *sobre* que estão em circulação.

No segundo recorte, continuamos a observar o que a Bíblia traz sobre Ester e encontramos o primeiro momento em que a personagem se apresenta ao rei. A narrativa, nos capítulos anteriores, explicita que as mulheres ficavam no palácio sendo preparadas para o momento do encontro. Questionamos no que de fato consistiam esses encontros, se seriam apenas momentos de diálogo, em que o rei poderia conhecê-las de fato, ou, se seriam estes momentos de intimidade. Evidenciamos que um dos requisitos para participar da “seleção” era que as mulheres fossem virgens, além que todas elas teriam mais de um encontro particular com o rei, como se ele, por meio da sua posição de posse e poder sobre as mulheres, principalmente, pudesse “experimentar” as jovens, a fim de escolher a que mais lhe agradasse, tornando-a parte de sua vida e seu reinado, o que reforça a posição autoritária do sujeito homem com relação ao sujeito mulher, já que ocorre a objetificação dos corpos femininos e o silenciamento das vozes, no que diz respeito à escolha da mulher “perfeita”.

As mulheres que ali estavam, sabiam que precisavam estar belas e agir bem perante o rei, afinal era ele a figura que representava maior autoridade ali, o que aparece marcado, também, no recorte três, quando pela primeira vez o discurso está na voz de Ester (discurso *de*, advindo do sujeito): “Ela respondeu: se achei graça a teus olhos, ó rei, [...]”. Neste recorte,

observamos, ainda, a partícula “se” indicando a possibilidade, provavelmente relacionada à insegurança de que outra mulher poderia ter o agrado mais e constituindo efeitos de dependência, já que o que vai acontecer à mulher depende da vontade do homem. Mesmo assim, Ester não deixou de dizer o que precisava: “[...] se ao rei lhe parecer bem, concede-me a vida, eis o meu pedido; salva meu povo,[...]”, sendo esta a atitude mais esperada da narrativa, pois a negação desse pedido (“salva meu povo”), ocasionaria mudanças drásticas na história do povo hebreu naquele período de suposta perseguição, evidenciando a posição de resistência na qual o sujeito Ester se inscreve, como defensora do povo ao explicitar sua vontade diante do rei.

O decreto do rei pretendia aniquilar o povo judeu, mas a presença de Ester na corte, fez com que ele revertesse toda a situação e se tornasse protetor daquele povo. Mas o que Ester precisou fazer além de agradar aos olhos do rei? A narrativa ressalta que beleza dela era “superior”, evidenciando a objetificação da mulher, já que basta ser bela. De acordo com o recorte, foi a aparência da personagem que fez com que Assuero desse a ela prioridade, além de escutá-la quando solicitou um banquete, o qual serviu como uma estratégia para convencer o rei a anular o decreto, em uma espécie de provisão divina. Segundo algumas versões da Bíblia, há a presença da expressão “estender o cetro”, que diz respeito aos momentos em que Ester chegava até o rei com suas petições e ele a escutava, como observado no quarto recorte: “O rei estendeu o cetro de ouro a Ester, a qual se pôs em pé diante dele”. Todas as vezes em que o rei estendeu o cetro de ouro para Ester, demonstrou na sua posição de autoridade, que ela teria sido aceita. Observamos ainda, o discurso *sobre* a mulher como manipuladora, estrategista, pois Ester usou de inteligência ao propor um banquete e convidar Hamã, oficial da corte (de quem veio a ideia de aniquilar os judeus), fazendo com que ele se sentisse especial, o qual posteriormente foi vítima do rei, quando descoberta a identidade judia de Ester e os planos de Hamã. Observamos neste recorte que ao realizar seus pedidos ao rei, demonstra respeito e faz negociações que envolviam sua própria vida. No entanto, o rei não apenas deu voz às petições da personagem, como também utilizou do seu poder para agir em resposta a isso.

Para concluir, salientamos que o livro de Ester foi rejeitado por diversos autores, pelo fato de não mencionar o nome de Deus, enquanto outros consideram que o poder da divindade operou secretamente na história do livro, já que se Ester não tivesse sido rainha, o povo judeu e, portanto, escolhidos por Deus, teria sido massacrado na Pérsia. A coragem de Ester seria, então, uma característica necessária para demonstrar que Deus estava com ela e que havia um propósito para se tornar rainha. Portanto, a presença de Ester na corte real fez com que um homem poderoso que não compartilhava da cultura judaica se tornasse protetor dos judeus.

Na narrativa há evidências de que Ester filiou-se à uma posição-sujeito defensora, por vencer o medo e utilizar-se do interesse do rei para conseguir o que desejava, que era o bem do seu povo, um povo que supostamente teria sido escolhido por Deus. Sendo assim, a partir das observações, vemos que por mais que haja a presença de uma voz feminina, essa voz está ainda ligada diretamente à autoridade divina, no sentido de que Ester tenha sido uma “ferramenta” para que a vontade do homem e de Deus, fosse realizada. Portanto, toda a narrativa gira em torno de um agir divino e masculino, tornando Ester e os outros personagens, como peças em um grande quebra-cabeça.

3.2 MARIA MADALENA

A história de Maria Madalena encontra-se distribuída entre os livros denominados evangelhos. Um deles é o livro de Lucas que, conforme historiadores, provavelmente foi escrito após a destruição de Jerusalém, com o objetivo central de expandir as mensagens sobre Jesus Cristo, um salvador universal, mestre, médico e profeta, o qual teria vindo ao mundo dos mortais, conforme a narrativa bíblica, para salvar as pessoas de seus pecados e garantir a todos o direito de vida após a morte, ou “vida eterna”. No livro de Lucas, ainda há a proeminência das obras da terceira pessoa da trindade, denominada Espírito Santo, o qual teria guiado os passos de Jesus enquanto pisou na Terra.

Nosso foco aqui é falar sobre a vida de Maria Madalena a partir do recorte. Uma mulher que se inscreve em uma posição-sujeito “devota”, conforme observado nos trechos escolhidos. Muitas são as teorias sobre sua relação com Jesus Cristo, pois alguns autores relacionam a figura de Madalena a “uma mulher da cidade, pecadora” anteriormente citada (Lucas 7). Neste discurso *sobre* a personagem por um sujeito-autor-homem ela foi designada como pecadora, termo que se remete a alguém entregue ao pecado ou alguém que precisa de libertação. Muito provavelmente o sentido tensionado pelo escritor, conforme Champlin (1933, p. 620), é que essa mulher era uma prostituta.

Por esse motivo, alguns autores ligam essa identidade à Madalena, demonstrando evidências por meio do termo popular “madalenas” que desprendia significados de “prostitutas penitentes”, no entanto, não há evidências concretas até porque a narrativa bíblica não ocorre cronologicamente, não temos como constatar algo nessa direção. Após a aparição do nome Madalena, a personagem está sempre vinculada aos momentos importantes da vida de Jesus, comparecendo em diferentes livros bíblicos, vejamos alguns exemplos: quando Jesus foi para

Jerusalém (Mateus 27;55-56), quando foi crucificado (Marcos 15;40-41) e quando foi sepultado (Marcos 15;46-47).

A história de Maria Madalena está ligada aos feitos de Jesus Cristo, aquele que não julgava as mulheres pelas suas práticas e que perdoava e libertava as pessoas do pecado. Mais uma vez, a marca do masculino para perdoar a mulher como “ser inferior”, que precisa do perdão do homem. No primeiro recorte, no fragmento: “[...]e certas mulheres, que haviam sido curadas de espíritos malignos e de enfermidades: Maria, chamada Madalena, da qual saíram sete demônios, [...]” (Lucas 8;1-2), observamos as posições-sujeito dessas mulheres a partir de uma designação masculina, mulheres libertas e perdoadas por Jesus, que anteriormente estavam entregues ao pecado e, conseqüentemente, excluídas da sociedade. As mulheres são retratadas então como enfermas ou endemoniadas, como é o caso de Madalena, que supostamente teria sido escrava de sete demônios. No decorrer dos versículos, neste discurso sobre a personagem, na maioria das vezes em que se retoma seu nome, ele vem acompanhado da caracterização “da qual tinha expulsado sete demônios”, conforme observado no quarto recorte.

No segundo recorte, vemos a proximidade que a personagem possuía com a mãe de Jesus, eram amigas. Em um dos momentos mais difíceis da vida de Maria, ver seu filho crucificado, sangrando e sofrendo por “amor à humanidade”, Maria Madalena estaria ao seu lado, dividindo este mesmo sofrimento. As relações em funcionamento nos discursos religiosos em circulação dão visibilidade ao sofrimento, supostamente enfrentado pelas personagens, indicando um propósito maior, um propósito divino que só aconteceria mediante a dor. No terceiro recorte, continuamos a observar a devoção dessa mulher à Cristo, quando ela foi até o sepulcro e chorou. A narrativa nos diz que Maria “curvou-se, e olhou dentro do sepulcro, e viu dois anjos de branco, assentados onde jazera o corpo de Jesus, um à cabeceira e outro aos pés”, o que demonstra sua relação com o “sobrenatural”, mas quem acreditaria na palavra de uma mulher endemoniada? Provavelmente ninguém, assim como no último recorte, quando Jesus teria ressuscitado e aparecido primeiramente a ela. Tudo isso, evidencia qual era a situação inicial da personagem, quem ela era no passado, e que segue sendo retomada ao longo dos versículos. A personagem Maria Madalena, diferentemente de Ester que passou por uma espécie de “reviravolta”, segue sendo marginalizada. Observamos o impacto que isso traz em todas as ações da personagem na narrativa, o que revela o silenciamento da voz da mulher, justificado pela sua relação com o pecado, e a recorrência de um discurso a partir de uma perspectiva masculina.

Maria Madalena assumiu a posição-sujeito de seguidora de um homem considerado importante na história das religiões cristãs e para o discurso (*de*) que sustenta e significa a personagem na Bíblia, demonstrando sua relação de amor e admiração por Jesus Cristo. Tendo em vista que o discurso se constitui por narrativas que resultam de tomadas de posição dos sujeitos, das interpretações e de efeitos de sentido (Venturini, 2020, p. 22), podemos afirmar que todo discurso sobre a mulher advém de uma memória, de algo que já significou em outro lugar (nesse caso a narrativa bíblica) e que contribui para que esses sentidos afetem os sujeitos hoje. Portanto, há uma expectativa, que parte do discurso bíblico, de que a mulher hoje tome para si posições semelhantes, evidenciando que o presente é contemporâneo de si mesmo e nunca é homogêneo (Venturini, 2017, p. 66 apud Venturini 2020, p. 19).

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir de nossas tomadas de posição sobre o sujeito mulher, constatamos que no discurso bíblico-religioso, a mulher é significada e discursivizada a partir de uma cosmovisão patriarcal. Isso ocorre, pelas condições de produção da mulher pertencente à cultura judaica, na qual as mulheres não ocupavam lugares de destaque e o esperado era que assumissem um papel de subserviência e submissão. Desse modo, o discurso sobre a mulher na Bíblia a representam discursivamente pelas relações do simbólico com uma cultura que acreditava em uma divindade masculina e moldava a sua conduta conforme padrões socioreligiosos. Nesse sentido, buscamos por intermédio do gesto interpretativo, colaborar com as discussões em torno da mulher hoje e refletir sobre o respeito e valorização deste sujeito. Tentamos realizar uma leitura desse discurso que possibilita refletir sobre a mulher em suas relações com as formações discursivas nas quais estão inseridas, pensando-a desde o passado, na religião como discurso *d*, que sustenta as relações com os discursos em circulação na contemporaneidade.

Em nossa análise, compreendemos que a mulher na cultura religiosa judaica, principalmente, era desvalorizada e sem direitos, diferentemente dos homens. As personagens bíblicas são retratadas majoritariamente por uma visão masculina, em um discurso que não abre espaço para voz feminina e, quando isso ocorre, normalmente é para reiterar um já-dito pelos outros sujeitos homens, elas ficam em segundo plano. As noções de discurso *de* e discurso *sobre*, tal como apresentadas por Venturini (2009 e 2014) nos permitiram compreender como o discurso *sobre* a mulher se constitui na Bíblia, ancorado em uma memória, além de que nos proporcionaram a explicitação do processo que forma todo um imaginário de mulher cristã, seja na antiguidade bíblica, seja nos dias de hoje.

Há diversas interpretações acerca dos sentidos sobre a mulher a partir da Bíblia, muitas delas valorizam a mulher serva e disponível ao homem todo o tempo. Alguns focalizam, no discurso bíblico, aquelas mulheres designadas como “pecadoras”, “endemoniadas”, reforçando o mito de que as mulheres estão ligadas ao mal por sua descendência de Eva (outra narrativa que coloca a mulher em segundo plano). Outros, enaltecem as mulheres que conseguiram ser líderes, rainhas, mulheres de destaque em um período histórico, político e religioso de domínio masculino. Evidenciamos esta contradição, pois cada dia nós mulheres conquistamos nosso espaço, um espaço que já é nosso por direito. É de fato uma luta sobre conquistar, que enfrentamos.

Sabemos que todo sujeito diz/enuncia a partir de uma tomada de posição e de uma formação discursiva que possui uma memória discursiva e o que ele diz, já foi dito em algum lugar, o que demonstra a existência de uma memória do dizer, um discurso estabilizado. O discurso se constitui por uma rede de memória que sustenta os dizeres na atualidade, sinalizando que o interdiscurso ressoa, mas é inacessível ao sujeito, já que a memória é lacunar e não uma totalidade. O que ressoa no eixo da formulação ocorre pela filiação dos sujeitos, de modo que, apesar de o dizer não estar acessível ao sujeito em sua totalidade, ele significa em suas palavras em seus discursos.

Parafraseando Venturini (2020, p. 33), o discurso bíblico decorre de um jogo de forças sociais entre os dominadores, sujeitos homens que delineiam estes sujeitos mulheres (dominadas por eles), que são as vítimas do silenciamento, encaminhando para discursos outros que normalizam, como o religioso por exemplo, e para discursos que rompem com o mesmo e instauram o novo, o diferente. Ou seja, os sentidos sobre a mulher, sobre subserviência, fragilidade, entre outros, estão instaurados em uma memória que funciona nos discursos em circulação. São esses já-ditos, esses discursos, já estabilizados, que fornecem subsídios para que se normalizem condutas machistas e de silenciamento das vozes femininas.

Contudo, nós, mulheres contemporâneas, no século XXI, podemos afirmar que já conquistamos espaço em posições sociais as quais, ao longo do tempo, costumeiramente foram atribuídas aos homens e isso demonstra que a luta por direitos iguais não é uma luta em vão. Hoje as mulheres não ficam mais restritas ao lar e têm o poder de escolha, se querem estudar, trabalhar, etc. Mesmo que muitas escolham cuidar do lar e servir à família, as mulheres hoje já não são mais coadjuvantes, elas possuem mais autonomia e liberdade para escolher a vida que desejam. Esses avanços fazem despertar em nós, expectativas de que cada vez mais as mulheres

assumam papéis sociais elevados e sejam de fato escutadas, para que se instaure no Brasil e no mundo, uma sociedade mais justa e igualitária.

TEXTOS ESTUDADOS

BÍBLIA SAGRADA. **Edição Pastoral-Catequética**. Trad. Centro Bíblico Católico - SP. Editora Ave Maria, edição Claretiana, 125ª edição, 1999.

BÍBLIA SAGRADA. **King James Bible 1611**. 9ª edição, BV Books Films Editora, Niterói/RJ, 2015.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CHAMPLIN, Russel Norman, 1933. **O Antigo Testamento Interpretado**: versículo por versículo: 2ª ed. São Paulo: Hagnos, 2001.

COURTINE, J. J. (1999). O Chapéu de Clémentis. Observações sobre a memória e o esquecimento na enunciação do discurso político. In: INDURKY, Freda. (org.). **Os múltiplos territórios da análise do discurso**. Porto Alegre: Editora Sagra Luzzato.

JOSEFO, Flávio. **História dos Hebreus**. Trad. Vicente Pedroso. Rio de Janeiro. CPAD, v.3. 1990.

KOCHMANN, Rabina Sandra. O Lugar da Mulher no Judaísmo. **Revista de Estudos da Religião** Nº 2 / 2005 / pp. 35-45.

ORLANDI, Eni Pulcinelli. “O discurso religioso”. **A Linguagem e seu Funcionamento**: As Formas do Discurso. 2ª ed. rev. e aum. Campinas: Pontes, 1987. p. 239-262.

ORLANDI, Eni P. (org.) **Discurso fundador**. Campinas: Pontes, 1993, 171 p.

ORLANDI, Eni Puccinelli. **Análise de Discurso**: princípios & procedimentos. 8. ed. Campinas: Pontes, 2001. 100p.

PÊCHEUX, M. Análise Automática do Discurso. In: **Por uma análise automática do discurso**: uma introdução à obra de Michel Pêcheux. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, pp.61-161, 1997 {1969}.

PETRI, Verli. Michel Pêcheux e a teoria do discurso nos anos 60. **Expressão**, v. 1, p. 186-192, 2006.

PETRI, V. Contribuições da análise de discurso para o ensino de línguas: em busca da desconstrução da unidade imaginária. In: SCHONS, C; CAZARIN, E. (Org.). **Língua, escola**

e mídia: entrelaçando teorias, conceitos e metodologias. Passo Fundo: UPF Editora, 2011, p. 25-33.

PETRI, V. O funcionamento do movimento pendular próprio às análises discursivas na construção do dispositivo experimental da análise de discurso. In: DIAS, C.; PETRI, V. (Orgs.) **Análise de Discurso em Perspectiva:** teoria, método e análise. Santa Maria: UFSM, 2013. p. 37-48.

Petri, Verli. 2017. “O passado (também) dura muito tempo ou (re) invenções de um tempo”. **Revista Interfaces** 8: 80-90.

SANTOS, BRANCO, STORTO, BURGO. **A Representação da Mulher no Discurso Religioso.** XI SEMINÁRIO DE PESQUISA EM CIÊNCIAS HUMANAS – SEPECH Humanidades, Estado e desafios didático-científicos. Londrina, 2016.

VENTURINI, Maria Cleci. **Imaginário Urbano:** espaço de rememoração/comemoração. Passo Fundo: Ed. Universidade de Passo Fundo, 2009.

VENTURINI, M. C. Mídia, ruído e silêncio tumular na constituição contraditória da memória em curso/discurso. In: TASSO, I., SILVA, É. (org.). **Língua(gens) em discurso:** a formação de objetos. 1. ed. Campinas, SP: Pontes Editora, 2014, p. 119-136.

VENTURINI, M. C. Contradições e antagonismos no discurso sobre a derrubada de estátuas. In: SOUZA, A. E. de; ALVES, C. R. da S. T.; JUNGES, F. C. **Discurso e Sociedade:** a linguagem em diferentes perspectivas, Cruz Alta: Ilustração, 2020, p. 19-36.